

BIOÉTICA

-Conceituação

Bioética é o estudo transdisciplinar entre biologia, medicina, filosofia (ética) e direito (biodireito) que investiga as condições necessárias para uma administração responsável da vida humana, animal e responsabilidade ambiental. Considera, portanto, questões onde não existe consenso moral como a fertilização in vitro, o aborto, a clonagem, a eutanásia, os transgênicos e as pesquisas com células-tronco, bem como a responsabilidade moral de cientistas em suas pesquisas e suas aplicações.

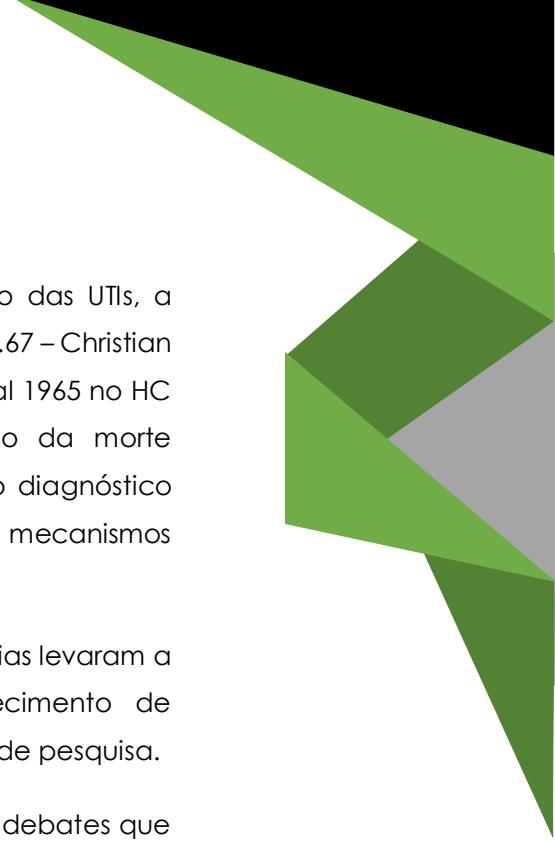
A bioética estuda a moralidade da conduta humana no campo das ciências da vida estabelecendo padrões de conduta socialmente adequados.

O termo "Bioética" surgiu na década de 1970 e tinha por objetivo deslocar a discussão acerca dos novos problemas impostos pelo desenvolvimento tecnológico, de um viés mais tecnicista para um caminho mais pautado pelo humanismo, superando a dicotomia entre os fatos explicáveis pela ciência e os valores estudáveis pela ética.

Bioética é um neologismo construído a partir das palavras gregas bios (vida) + ethos (relativo à ética).

Utiliza um paradigma de referência antropológico moral: o valor supremo da pessoa humana, de sua vida, dignidade, liberdade e autonomia que impõe ao homem diretrizes morais diante dos dilemas levantados pela biomedicina.

Foi durante a segunda metade do séc XX, mais precisamente entre 1960 e 1970, que os avanços científicos e tecnológicos no meio médico receberam forte incentivo por seus resultados positivos e começaram a produzir questionamentos na



sociedade de então. São desse tempo a criação das UTIs, a realização dos primeiros transplantes (cardíaco 3.12.67 – Christian Barnard; Brasil – Zerbini em 26.5.68 – transplante renal 1965 no HC pelo Prof. Geraldo Campos Freire), o diagnóstico da morte cerebral, as descobertas da psicofarmacologia, o diagnóstico pré-natal e alguns avanços no conhecimento dos mecanismos imunológicos de rejeição (ciclosporina 1978).

O impacto do avanço dessas novas tecnologias levaram a comunidade médica e científica ao estabelecimento de parâmetros delineadores das práticas terapêuticas e de pesquisa.

Assim foram fundados os primeiros Grupos de debates que deram origem aos Comitês de bioética: Johns Hopkins Hospital em Baltimore; Hasting Center em NY; em Madison, na Faculdade de medicina de Wisconsin.

Analisa-se a viabilidade econômica dos procedimentos e os direitos dos pacientes. A ampliação dos debates para além das áreas médicas para as humanidades e religiosas (importância do debate ecumênico), gerou o inicio dos diálogos interdisciplinares que norteiam esse meio.

O termo foi mencionado pela primeira vez em 1971, no livro "Bioética: Ponte para o Futuro", do biólogo e oncologista americano Van Rensselaer Potter, cuja ideia inicial foi desenvolver uma ética das relações vitais, ou seja, dos seres humanos entre si e destes com o ecossistema, criando uma ponte entre a ciência e as humanidades – uma vez que o futuro não será edificado exclusivamente sob os ditames das ciências nem tampouco com o respeito exclusivo das humanidades.

De grande importância para o desenvolvimento da bioética tal como conhecemos hoje foi a obra de Tom L. Beauchamp e James Childress – chamada Princípios da ética biomédica- que limitando o caráter global outorgada por Potter,

restringiu-se aos meios científicos como é utilizada hoje em dia, introduzindo os quatro princípios básicos da bioética que serão estudados a seguir.

A bioética corresponde a um movimento cultural: é neste humanismo que se pode englobar conceitos entre o prático biodireito e o teórico biopoder, advindo de desenfreado avanço das ciências e da tecnologia. É desta maneira que sua constante revisão e atualização se torna uma característica fundamental.

-As fases da bioética

Podemos dividir a história da bioética em 3 fases:

1. que vai de 1960 a 1977 – período em que surgem os primeiros grupos de médicos e cientistas preocupados com os novos avanços científicos e tecnológicos. Formam-se os primeiros comitês de bioética no mundo
2. que vai de 1978 a 1997 – período em que se publica o relatório Belmont, que provoca grande impacto na bioética clínica; realiza-se a 1º fertilização in vitro, progressos na engenharia genética, criam-se importantes grupos de estudo em bioética: Grupo internacional de Estudo em bioética, Associação europeia de centros de ética médica, Convenio europeu de biomedicina e direitos humanos, entre outros
3. iniciada em 1998, ainda vigente, que teve o apogeu da descoberta do genoma humano, clonagem, além dos debates relativos à falência dos sistemas de saúde pública nos países em desenvolvimento.

-Princípios da bioética

São quatro os princípios basilares da bioética:

Princípio da autonomia – valoriza a vontade do paciente, ou de seus representantes, levando em conta, em certa medida, seus valores morais e religiosos. Reconhece o domínio do paciente sobre a própria vida e o respeito à sua intimidade, restringindo com isso, a intromissão alheia no mundo daquele que está sendo submetido a um tratamento. Aquele que estiver com sua vontade reduzida deverá ser protegido.

A autonomia seria a capacidade de atuar com conhecimento de causa e sem qualquer coação ou influência externa. Desse princípio decorre a exigência do consentimento livre e informado.

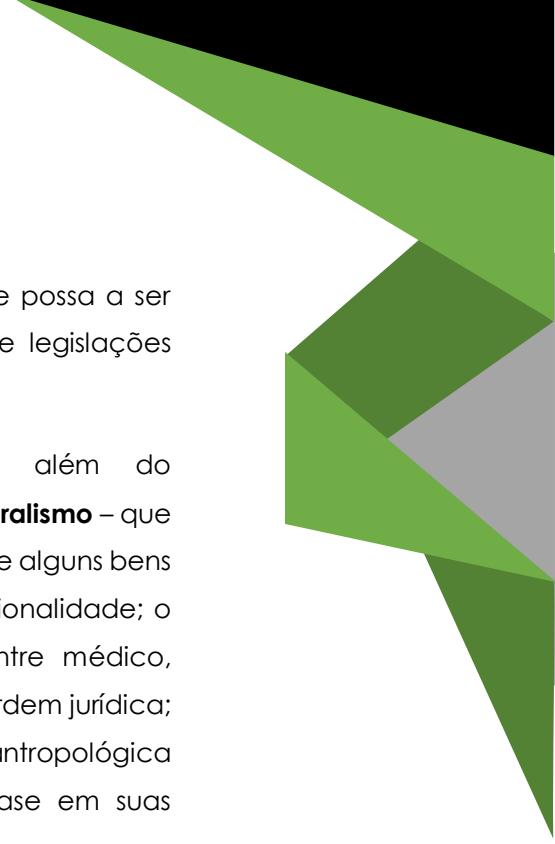
Princípio da beneficência – Refere-se ao atendimento do médico, e dos demais profissionais da área da saúde, em relação aos mais relevantes interesses do paciente, visando seu bem-estar, evitando-lhe quaisquer danos.

A regra de ouro do princípio da beneficência é não causar dano e maximizar os benefícios, minimizando os possíveis riscos.

Princípio da não-maleficência – Contém a obrigação de não acarretar dano intencional e por derivar da máxima da ética médica: *primum non nocere*.

Princípio da justiça - Requer a imparcialidade na distribuição dos riscos e benefícios da prática médica, pelos profissionais da área da saúde, procurando evitar a discriminação.

Em outubro de 2005, a Conferência Geral da UNESCO adotou a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, que consolida os princípios fundamentais da bioética e visa definir e



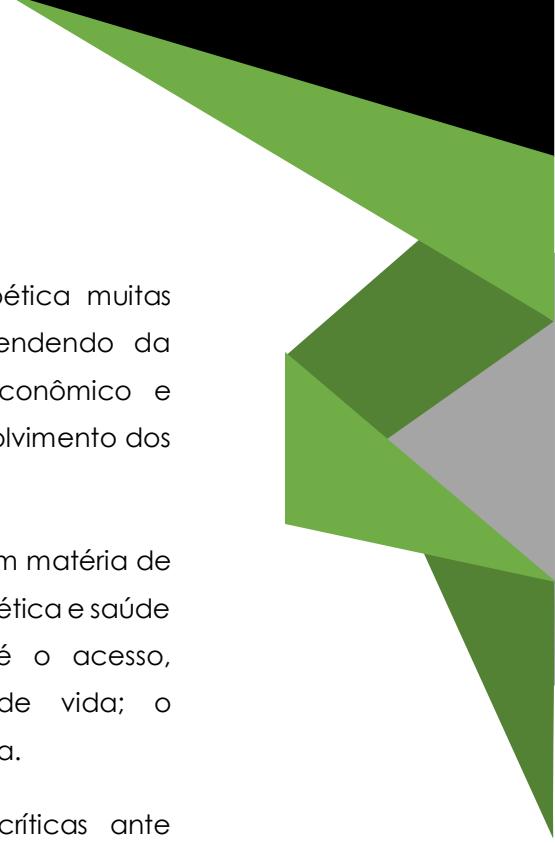
promover um quadro ético normativo comum que possa a ser utilizado para a formulação e implementação de legislações nacionais.

Atualmente, encontramos em bioética, além do principalismo, outros paradigmas, tais como: **o naturalismo** – que reconhece, a partir do direito natural, a existência de alguns bens fundamentais, como a vida, a religiosidade, a racionalidade; o contratualismo – que defende uma relação entre médico, paciente e sociedade a partir de um contrato de ordem jurídica; **o personalismo** – que partindo de uma visão antropológica objetiva defender a dignidade humana com base em suas características essenciais.

-O panorama da bioética no cenário mundial

Os temas mais debatidos abrangem, os **fundamentos da bioética** e a consequente valorização de seus princípios básicos; a **bioética clínica**, onde se aborda a delicada relação médico-paciente, debatendo-se sobre a origem e a terminalidade da vida: aborto, eutanásia, distanásia, transplantes, consentimento informado, emprego de técnicas específicas para a reprodução assistida; a **bioética social**, onde o núcleo do debate fixa-se nas políticas de saúde, na reforma dos sistemas de saúde, meio ambiente e formação de comissões nacionais de bioética e a **bioética transcultural**, cujos ditames são aplicados nas diversas áreas do mundo: bioética na América latina, na Europa, nos EUA, na Ásia, na Oceania.

Sintetiza Leo Pessini que “a bioética pensada no Ocidente valoriza sobretudo o indivíduo, enquanto a bioética aplicada no Oriente acentua mais o caráter coletivo”.



Percebem-se aqui que as questões de bioética muitas vezes podem apresentar rostos diferentes dependendo da localização geográfica, do desenvolvimento econômico e cultural, do momento histórico vigente, do desenvolvimento dos direitos humanos.

Na América Latina a grande preocupação em matéria de bioética centra-se nas discussões que tratam de bioética e saúde pública, onde o tema de maior relevância é o acesso, distribuição de recursos, custos, qualidade de vida; o estabelecimento da ética clínica na prática médica.

São de grande relevância as decisões críticas ante pacientes, a interrupção do tratamento, a eutanásia, o suicídio assistido, a ética na pesquisa, a ética na legislação na saúde. Levar-se em conta os aspectos bioéticos que valorizem a justiça e a equidade, procurar priorizar a situações especiais/emergenciais criadas pelas novas enfermidades – tais como a AIDS, ou procedimentos oriundos das novas práticas científicas como transplantes ou reprodução assistida.

Logo, podemos concluir pela importância das questões persistentes da macrobioética na agenda regional de bioética, na América Latina.

Nos EUA, a tecnologia médica impulsionou o desenvolvimento da bioética clínica, onde os maiores questionamentos tinham a ver com o uso humano das novas tecnologias: abrangia o uso e a retirada dos aparelhos, a aceitação ou a recusa do consentimento.